



Daniel Sanes é jornalista formado pela Universidade Católica de Pelotas. Atualmente, trabalha na agência República – Conteúdo & Estratégia e atua como freelancer.

A cor invisível

Muita gente pensa que a cor tem um papel menos importante nos quadrinhos: o que importa é a qualidade dos desenhos e do roteiro. Por mais irônico que possa parecer, a colorização acaba se tornando uma tarefa quase invisível.

Tanto é que só a partir da década passada os coloristas começaram a receber créditos *regulares nas capas – e também royalties*. “Não são todas as editoras que assumiram essa posição. Mas, aos poucos, as coisas estão mudando”, afirma Cris, que tem seu próprio estúdio de prestação de serviços e negocia projetos diretamente com as editoras.

No Brasil, a percepção do público sobre o trabalho dos coloristas ainda é um pouco confusa. “Nos Estados Unidos, há diversos profissionais atuando nesse ramo. Aqui, porém, é comum as pessoas acharem que funciona como nos livros infantis, em que é comum um artista ser responsável por tudo. Com a publicação das graphic novels da MSP Estúdios, o pessoal ficou mais atento a isso. Tipo: ‘bah, tem uma profissional só para fazer as cores.’”

Nos quadrinhos independentes, o papel dos coloristas costuma ser mais valorizado. Um bom exemplo é a HQ *Pétalas*, do gaúcho Gustavo Borges. Um dia, quando ambos estavam jogan-

do conversa fora no aeroporto, à espera de um voo de Curitiba para Porto Alegre, o quadrinista mostrou a Cris alguns esboços da história que estava desenvolvendo. Na hora, ela pensou: “preciso colorir isso”.

Não só coloriu como sentiu que tinha liberdade para interferir na obra, marcada por tons suaves que transmitem o clima que o autor queria passar. “Fiquei impressionada com o fato de as pessoas dizerem que gostaram tanto da cor a ponto de considerá-la um personagem extra da história”, orgulha-se.

Não por acaso, Cris aponta *Pétalas* como um dos trabalhos mais marcantes de sua carreira. Entre as obras para grandes editoras, destaca *Casanova* (“a indicação ao Eisner abriu muitas portas”) e a recente *FML*, escrita por Kelly Sue DeConnick com arte de David López. “É uma história bem louca, que foge do óbvio. E o David é um dos desenhistas mais talentosos com quem já trabalhei”, justifica.

Do Brasil, não tem jeito: *Astronauta: Magnetar* foi o responsável por “apresentar” Cris ao grande público. Por fim, ela cita uma revista praticamente desconhecida por aqui: *The Adventures of Superhero Girl*, de Faith Erin Hicks. “É uma coletânea de tirinhas de jornal do Canadá. Foi tão divertido de fazer que lembro até hoje”.



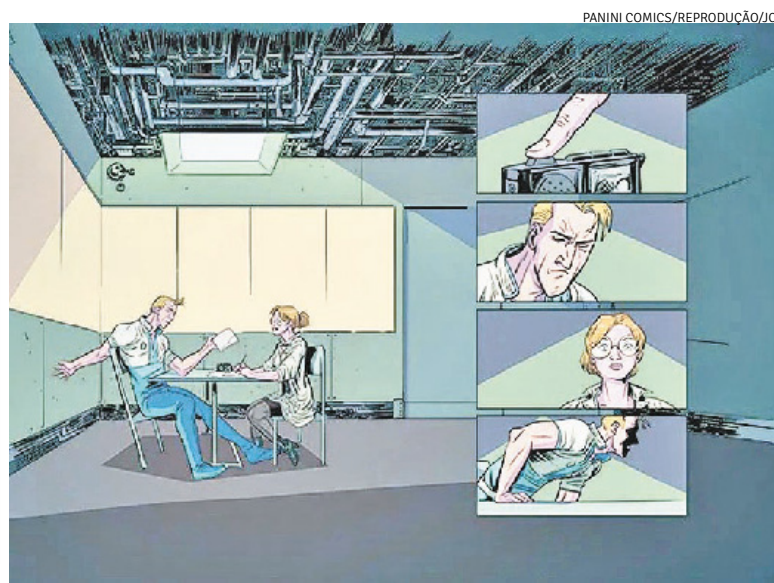
Página de *Spider-Man: The Lost Hunt*, lançada pela Marvel



Página de *Pétalas*, com desenhos do gaúcho Gustavo Borges



Por *Casanova*, Cris se tornou a primeira brasileira indicada ao Eisner Award



Astronauta: Magnetar faz releitura do personagem de Mauricio de Sousa

Cris Peter por cinco artistas

“Conheci a Cris em 2012, durante uma ComicCon RS, quando fui, como quadrinista amador, pegar *feedback* do meu trabalho. Depois, em 2014, dividimos mesa na GibiCon, hoje Bienal de Quadrinhos, em Curitiba. Dessa experiência veio a parceria para *Pétalas*. Eu tinha apenas umas páginas em preto e branco e rascunhos. A Cris viu e se voluntariou para o projeto — eu nunca teria tido a coragem de convidá-la na época! A colaboração dela fez de uma história bacana uma das minhas obras mais vendidas e amadas pelos leitores, publicada também em Portugal, França, Polônia e EUA — onde fomos indicados ao Eisner. A sensibilidade artística da Cris trouxe uma camada extra, um personagem novo para a história: o frio. Trabalhamos juntos outras vezes e espero que venham mais oportunidades!”

Gustavo Borges, quadrinista e autor de *Pétalas*

“Cris Peter foi uma das primeiras coloristas a surgir no mercado brasileiro. E o que ela trazia de novo — além de seu trabalho, que é lindo — era uma ética de trabalho que foi muito importante para alguém como eu, que estava começando a virar um colorista profissional. Coisas como saber se respeitar, saber se dar o valor, saber dizer não... Depois, trabalhei com ela como assistente e pude aprender um pouco mais sobre visão de mercado. Além disso, foi a Cris que me indicou para os meus primeiros trabalhos nas editoras lá fora, como IDW e DC Comics — ou seja, ela teve um impacto gigantesco na minha carreira. Sou muito grato por ter conhecido a Cris. É uma grande colega, de certa forma uma mentora e também uma grande amiga.”

Mat Lopes, colorista de histórias em quadrinhos

“Minha amiga Cris Peter domina os processos cromáticos e, por isso, é reconhecida como uma grande colorista. Mas ela também desenha muito bem e tem se aprimorado na escrita de um jeito fabuloso. Não tem medo de aprender, nem de estudar. Uma artista de alma, com a capacidade de se reinventar. É impressionante como ela consegue mostrar sua autoria a partir do uso da cor. Quando vemos os resultados que obtém, mesmo em obras mais industriais, para Marvel e DC Comics, é possível perceber a mão dela ali: o toque, o estilo de coloração. Também é uma grande pesquisadora, com potencial para a academia. Enfim, a Cris é uma profissional completa em muitos sentidos. Por isso tudo, acho que merece ser mais destacada no campo das artes gráficas.”

Paula Mastroberti, artista visual, autora de *Adormecida* e colega no *Mulheres em Quadrinhos*, extinto grupo de Facebook

“Comecei a pensar em quando conheci a Cris Peter e percebi que não consigo lembrar do momento exato em que isso aconteceu. Apesar de morarmos na mesma cidade, acho que foi em algum evento de quadrinhos: talvez no FIQ, o Festival Internacional de Quadrinhos de Belo Horizonte, talvez na Bienal de Curitiba. De qualquer forma, antes mesmo de conhecê-la pessoalmente, já admirava o trabalho dela. A Cris sempre foi uma referência para quem trabalha com cores em histórias em quadrinhos. No meu caso, a forma como eu colorizo sempre foi muito intuitiva. Por isso, o livro *O uso das Cores* me fez aprender um bocado da teoria. Hoje, tenho a sorte de acompanhá-la não apenas como fã, mas também como amiga.”

Samanta Flôor, quadrinista e autora de *A canção fantasma*

“A primeira vez que trabalhei com a Cris Peter foi na *MSP 50*, coletânea em homenagem aos 50 anos de carreira do Mauricio, em uma história do Ivan Reis. Ele pediu para chamá-la e eu concordei na hora, pois já acompanhava o trabalho da Cris com super-heróis e considerava espetacular. Três anos depois, ela já estava colorindo *Astronauta: Magnetar*, do Danilo Beyruth. Foi um casamento perfeito! A Cris usou todo o seu talento para criar ambientes e cenas. Aliás, isso é o que mais me chama a atenção no trabalho dela: como a Cris sabe ler as cenas para escolher as paletas e os tons que vão ajudar a contar cada história. É por isso que a considero uma das maiores coloristas do planeta. Hoje é minha amiga, e continuo muito fã dela.”

Sidney Gusman, editor-chefe do portal *Universo HQ* e ex-editor da *MSP Estúdios*